

O ESTUDO DA BÍBLIA PELA GERAÇÃO Z: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Elias dos Santos Vasconcelos²¹
Camila Turba Vasconcelos²²

RESUMO

A Geração Z, composta por indivíduos nascidos entre 1997 e 2012, vive em um mundo profundamente marcado pela tecnologia, pelo acesso instantâneo à informação e por um ambiente de constantes mudanças sociais, culturais e políticas. Nesse cenário, o estudo da Bíblia se apresenta como uma tarefa desafiadora, mas também cheia de oportunidades. Esta geração é nativa digital. Desde pequenos, esses jovens têm acesso a dispositivos móveis, plataformas de streaming, redes sociais e uma infinidade de informações a um clique de distância. Isso influencia diretamente a forma como eles consomem conhecimento, se comunicam e, até mesmo, se conectam com temas religiosos e espirituais. A Bíblia, que ao longo dos séculos foi o principal texto sagrado para milhões de pessoas, enfrenta agora o desafio de cativar um público acostumado à velocidade da informação e a uma comunicação visual e interativa. Por isso, este artigo busca explorar como a Geração Z tem se engajado com a Bíblia. Ao adotar abordagens inovadoras, como o uso de formatos multimídia, recursos digitais e uma mensagem contextualizada, a Igreja e os educadores podem criar pontes entre os jovens e as escrituras, oferecendo a eles uma maneira de explorar e aplicar os ensinamentos bíblicos em suas vidas cotidianas.

Palavras-chave: Geração Z; Desafios; Oportunidades; Ensino Bíblico.

INTRODUÇÃO

A ideia das gerações, como forma de categorizar grupos de pessoas com base no período em que nasceram e nos eventos históricos que moldaram suas experiências, começou a ser desenvolvida por estudiosos no século XX. Um dos principais criadores dessa ideia foi Karl Mannheim, um sociólogo húngaro-alemão, que publicou, em 1928, o ensaio "O Problema das Gerações". Argumentava que pessoas nascidas em uma mesma época compartilham experiências históricas e culturais semelhantes, o que influencia sua visão de mundo.

Para ele, uma geração não é definida apenas pela idade biológica, mas pela participação em eventos significativos que influenciam sua consciência coletiva.

²¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Teologia, das Faculdades Batista do Paraná na linha de pesquisa Espiritualidade, Educação e Docência nos Processos Formativos, bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo.

²² Especialista em Gestão Escolar pela FAVENI, Pedagoga pela UFSM, bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo.

Distingue entre localização geracional (o fato de pertencer a uma geração específica) e unidades geracionais (grupos dentro de uma mesma geração que interpretam os eventos de maneiras diferentes, como conservadores e progressistas). Essa ideia é importante, como confirma Mannhem (1982, p. 37) porque mostra que dentro de uma mesma geração podem coexistir perspectivas diversas

A Geração Z representa um grupo demográfico que cresceu em um mundo marcado pela conectividade digital e pelas rápidas mudanças sociais e culturais. Tais características impactam significativamente sua forma de interagir com conteúdos religiosos. Como observa Abreu (2019, p. 50), a internet tem causado transformações profundas no comportamento religioso dos jovens, permitindo maior acesso aos textos sagrados, ao mesmo tempo que desafia práticas tradicionais de fé. Neste contexto, o estudo da Bíblia se apresenta como um campo em transformação, exigindo novas abordagens pedagógicas e comunicativas.

Este artigo propõe-se a analisar as barreiras e possibilidades no engajamento da Geração Z com o estudo bíblico, considerando tanto os fatores culturais e tecnológicos como as tendências de personalização e busca por autenticidade. Desde a infância, os membros da Geração Z têm contato com dispositivos digitais e redes sociais, o que influencia sua forma de aprender, comunicar-se e vivenciar a espiritualidade.

A Bíblia, historicamente o livro sagrado central para cristãos, passa a disputar atenção com uma infinidade de conteúdos digitais. De acordo com Pereira (2021, p. 109), as plataformas digitais oferecem novas oportunidades para reaproximar os jovens do texto bíblico, especialmente ao permitir abordagens personalizadas e interativas.

Além disso, essa geração valoriza autenticidade e demonstra ceticismo em relação a instituições religiosas. Moura (2021, p. 78) também comenta que muitos jovens não frequentam igrejas, mas demonstram interesse por espiritualidade, buscando formas menos institucionalizadas de conexão com o divino.

Os métodos tradicionais de ensino bíblico, como sermões longos e estudos formais, têm pouca ressonância com os hábitos da Geração Z, habituada a conteúdos rápidos e visuais. Cunha (2020, p. 100) ressalta que a linguagem rebuscada e os rituais formais criam barreiras de acesso. E destaca que os jovens preferem formatos interativos e audiovisuais, como vídeos e infográficos.

A abundância de conteúdos digitais pode causar dispersão e leitura superficial das escrituras. A constante busca por novidades prejudica o aprofundamento espiritual. O desafio está em desenvolver discernimento crítico para filtrar informações religiosas confiáveis.

1. O PAPEL DA RELIGIÃO PARA A GERAÇÃO Z

De forma geral, as organizações religiosas, na história recente, têm desempenhado papel de significativa relevância na configuração da fé individual. À medida que se desenvolvem, essas instituições recebem de seus próprios adeptos a autoridade para regulamentar e direcionar suas crenças.

Estabelecem-se lideranças investidas de formas específicas de controle sobre o coletivo de devotos, os quais os reconhecem como superiores em matérias espirituais. Dessa forma, a instituição religiosa passa a deter o monopólio da verdade e das normas relativas à fé dos que a integram. Ribeiro (2013, p. 63-64) define essa estrutura nos seguintes termos:

A instituição religiosa é uma forma de organização em que há um conjunto de regras e regulamentos que levam um determinado grupo a construir uma identidade por meio de segmento hierárquico e de um corpo doutrinal que o caracteriza diante de outros. O movimento religioso tem como características a presença de líderes, as estruturas e a flexibilidade diante dos regulamentos estabelecidos.

A inquestionabilidade e a rigidez hierárquica dessas instituições passaram a ser alvo de contestação, inclusive por parte de seus próprios membros. O fiel, antes submisso, passa agora a reivindicar a autoridade sobre sua própria fé. Danner (2018, p. 95) analisa esse processo de descentralização afirmando que: “É o indivíduo, e não mais a tradição, que se constitui no pilar de avaliação e de legitimação dos valores e das práticas das sociedades democráticas de um modo geral e das instituições e posições religioso-culturais em particular.”

Mesmo diante desse cenário, tal movimento não pode ser interpretado como um abandono generalizado da espiritualidade. Eliade (1992, p. 20) já apontava para uma inclinação natural do ser humano à religiosidade, cunhando o termo “homo religiosus”. Para ele, mesmo nas sociedades mais dessacralizadas, ainda é possível encontrar resquícios de uma “valorização religiosa do mundo”. Ribeiro (2013, p. 63) corrobora essa ideia ao observar que, no Brasil, “há um simultâneo crescimento de pessoas sem religião e o florescimento do fervor religioso”.

Nesse contexto, Feitosa (2011, p. 57) propõe o conceito de hiperfiel para designar o sujeito religioso que, imerso na sociedade do espetáculo e na cultura do “hiper”, adquire plena autonomia sobre sua vivência espiritual. Mesmo com a permanência formal das divisões tradicionais do cristianismo, o indivíduo se sente autorizado a construir um itinerário de fé pessoal, combinando elementos diversos, reinterpretando doutrinas e, muitas vezes, gerando sistemas de crenças internamente contraditórios.

Esse processo, segundo o autor, resulta em dois efeitos diretos: (1) a desvalorização da liderança religiosa tradicional; e (2) a superficialização do conhecimento teológico. As figuras de autoridade, antes investidas de legitimidade doutrinária e formadas por instituições reconhecidas, passam a ser relativizadas. Com isso, o conhecimento teológico profundo e sistematizado torna-se cada vez mais raro, sendo substituído por leituras pessoais e fragmentadas da doutrina, adaptadas à conveniência individual. Feitosa (2011, p. 77) conclui que: “O conjunto de transformações sociorreligiosas que galgaram o indivíduo à condição de ser o seu próprio legislador inclui o poder de suavizar exigências religiosas.”

Nesse novo cenário, a figura do hiperfiel emerge como alguém que se apropria da teologia de maneira seletiva, rejeitando imposições institucionais e configurando-se como seu próprio mestre em matéria de fé. Camurça (2017, p. 62-63) complementa essa análise ao empregar a expressão self-religion para caracterizar a prática religiosa contemporânea. Nesse modelo, o indivíduo, tal qual em um buffet espiritual, escolhe os elementos que mais lhe agradam e monta seu próprio sistema de crenças. O autor ainda identifica entre os “sem religião” um comportamento que define como “comensalismo religioso”, no qual há uma apropriação parcial dos recursos oferecidos pelas instituições, sem o compromisso institucional.

Camurça (2017, p. 60) descreve esses sujeitos como pessoas que, embora mantenham posturas de secularização e afastamento institucional, continuam alimentando sua espiritualidade com referências formais. Novaes (2004, p. 328) reforça essa perspectiva ao denominar tais indivíduos como “religiosos sem religião”. Sua análise aponta que, especialmente entre os jovens, há uma maior disposição para experimentar religiosidades não institucionalizadas, pautadas pela mudança, escolha pessoal e construção simbólica própria.

No cenário norte-americano, White (2017, p. 11) caracteriza a Geração Z como “a primeira geração verdadeiramente pós-cristã, e numericamente a maior”. Para o autor, o cristianismo não se resume a uma identidade religiosa formal, mas constituiu, historicamente, a base axiológica da cultura estadunidense. Contudo, as últimas gerações evidenciaram um processo de gradativo afastamento dessa matriz simbólica, culminando em uma cultura menos dependente dos valores cristãos.

Corroborando essa análise, uma série de pesquisas realizadas pelo instituto Barna Group, (2018, p. 56) chega a conclusões semelhantes. A publicação das investigações inicia-se com a constatação de que eles são a primeira geração verdadeiramente ‘pós-cristã’. Mais do que qualquer outra geração antes deles, a Geração Z não declara uma identidade religiosa. Eles podem ser atraídos a questões espirituais, mas com um ponto inicial vastamente diferente das gerações anteriores, muitas das quais receberam uma educação básica na Bíblia e no cristianismo.

Ainda de acordo com o instituto Barna Group (2018, p. 75), essa geração não apenas se distancia da religião organizada, mas emerge de um ambiente no qual o cristianismo deixou de ser um referencial hegemônico. Em outras palavras, os indivíduos da Geração Z não estão abandonando um sistema consolidado, mas nascendo em um contexto já desvinculado dele.

A partir dessas constatações, evidencia-se que a espiritualidade da Geração Z, mesmo quando manifesta por meio de elementos do cristianismo, está cada vez menos vinculada a estruturas institucionais. Tal realidade exige um reposicionamento das organizações religiosas diante das novas demandas simbólicas e espirituais de seus potenciais membros.

2. PERSPECTIVAS SOBRE O FUTURO DA FÉ

O mercado de trabalho já reconhece a necessidade de reestruturação para se adequar aos valores e demandas da Geração Z. Nesse contexto, impõe-se o questionamento: estaria a religião institucionalizada atenta à mesma exigência de transformação? Como as igrejas formais têm reagido à nova realidade da vivência religiosa? Em seu estudo sobre o futuro da igreja, Gibbs (2012, p. 82) adverte que: “O que estamos enfrentando, não é uma turbulência de curta duração, mas o despontar de uma nova era.”

Para o autor, o que se observa atualmente não é apenas uma crise momentânea ou um modismo passageiro, mas a transição para um novo paradigma religioso. Trata-se, portanto, de um movimento duradouro e estruturante, cuja assimilação será fundamental para a própria sobrevivência das denominações tradicionais. Nesse sentido, Gibbs (2012, p. 82) afirma que o crescimento de formas alternativas de espiritualidade ocorre paralelamente ao declínio de modelos institucionais, o que exige das igrejas formais uma revisão de seu papel social e espiritual no século XXI.

Nesse novo cenário, a autonomia do fiel se impõe como traço definidor da prática religiosa, exigindo das instituições novos mecanismos de gestão e pertencimento. Gibbs (2012, p. 83), por sua vez, projeta que “as denominações do futuro serão menos unidas e menos centralizadas”, prevendo uma desconcentração da autoridade clerical e o empoderamento do leigo em matéria de fé e doutrina. Considerando tal descentralização, Heaton e Rivera (2009, p. 139) assinalam que a diversificação das expressões religiosas exigirá o surgimento de novos grupos capazes de atender aos diferentes “consumidores religiosos”. Em uma lógica de mercado, onde prevalece a dinâmica da oferta e da demanda, os líderes religiosos serão desafiados a responder a uma multiplicidade de expectativas, o que demandará a criação de estruturas plurais.

Os autores Heaton; Rivera (2009, p. 133) afirmam ainda que os sujeitos com experiências religiosas múltiplas tenderão a buscar vínculos com comunidades que compartilhem características sociais semelhantes às suas. A diversidade e a descentralização, portanto, surgem como categorias centrais nas projeções sobre o futuro da fé. Do ponto de vista das instituições religiosas, tais características implicam tanto desafios inéditos quanto possíveis ameaças à sua razão de ser.

Gibbs (2012, p. 87) compartilha desse entendimento ao afirmar que, nesse novo contexto, “as pessoas devem estar livres para tomar suas próprias decisões e carregar a responsabilidade do curso da ação à qual se comprometem”. A autonomia, portanto, aparece não apenas como valor ético, mas também como exigência estrutural das novas configurações da fé.

Outra característica crucial da religiosidade contemporânea é o que Moreira (2008, p. 73) denomina “midiatização da religião e da experiência religiosa”. Segundo o autor, a mídia já constitui a principal fonte de informação religiosa na sociedade

atual. As mídias sociais, em especial, ocupam um papel central na difusão e consumo de conteúdos religiosos entre os fiéis autônomos da Geração Z. Diante disso, parece inevitável concluir que a igreja do século XXI deverá se especializar na comunicação digital como estratégia de sobrevivência e influência.

Em uma análise mais abrangente, Crawford (2013, p. 3) reconhece a complexidade desse cenário contemporâneo e adverte que “é difícil prever o futuro da religião” diante de um mundo tão plural e dinâmico. Contudo, os achados desta pesquisa apontam que, embora a religiosidade da Geração Z esteja se afastando das formas tradicionais de expressão, ela ainda permanece em processo de consolidação. Essa religiosidade emergente continua em busca de pertencimento e significado, oferecendo uma janela de oportunidade para as instituições religiosas que se dispuserem a dialogar com suas demandas e transformações.

Dessa forma, o que está em curso não é a negação da fé, mas a ruptura com a institucionalização tradicional do sagrado. O modelo religioso hegemônico, baseado na autoridade centralizada, na doutrina imutável e na exclusividade denominacional, encontra-se em crise. Como destacou Danner (2018, p. 99), o mundo atual, pluralista e individualista, não se deixa mais moldar por uma estrutura de socialização baseada apenas na autoridade institucional.

As instituições que desejarem manter relevância neste cenário deverão reconhecer que a autoridade religiosa, hoje, é relacional, horizontal e negociada, e não mais imposta verticalmente. Assim, reafirma-se a necessidade de um novo paradigma: menos institucional e mais relevante, ou seja, um movimento religioso que independa de uma instituição para existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aplicativos bíblicos como YouVersion, podcasts e vídeos no YouTube têm facilitado o acesso ao conteúdo bíblico de maneira dinâmica e atrativa. Gomes (2021, p. 234) destaca que os devocionais digitais se adaptam bem à rotina dos jovens. As redes sociais se tornaram um ambiente fértil para disseminação de versículos e mensagens.

A utilização de vídeos curtos, memes, animações e jogos bíblicos torna o estudo das escrituras mais lúdico e acessível. Santos (2020, p. 55) afirma que esses

recursos permitem uma apropriação mais significativa das narrativas bíblicas. E acrescenta que esses formatos também favorecem o diálogo entre fé e cultura pop.

A Geração Z mostra forte engajamento com causas sociais. Moura (2021, p. 78) defende que a Bíblia deve ser apresentada em diálogo com temas como desigualdade, ecologia e inclusão e sugere que a igreja promova debates bíblicos contextualizados para despertar maior interesse.

A possibilidade de adaptar o estudo da Bíblia aos interesses individuais é um diferencial importante. Almeida (2020, p. 35) mostra que ferramentas digitais que oferecem planos personalizados de leitura, fóruns de discussão e compartilhamento de reflexões podem aumentar o engajamento. Essa personalização é essencial para que a experiência de fé faça sentido à vida dos jovens.

O estudo da Bíblia pela Geração Z demanda uma reconfiguração dos métodos tradicionais. A digitalização, embora traga desafios, também oferece ferramentas valiosas para a reinvenção do ensino bíblico. A chave está na combinação entre recursos tecnológicos, linguagem acessível, contextualização social e personalização da experiência de fé. Assim, será possível resgatar o valor das escrituras para uma geração em busca de sentido, autenticidade e transformação.

Às igrejas, portanto, impõe-se o desafio de reformular sua atuação, assumindo uma postura mais dialógica, inclusiva e adaptável às novas subjetividades de seus interlocutores. A transformação exigida não implica na abdicação total da tradição, mas na disposição de reinterpretá-la à luz dos novos contextos sociais e culturais. A religiosidade da Geração Z está viva, em movimento e aberta a novas formas de expressão.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. C. O impacto da internet no comportamento religioso dos jovens.
Revista Brasileira de Comunicação e Religiosidade. São Paulo, v. 14, n. 2, p. 50-63, 2019.

ALMEIDA, J. P. O papel das novas tecnologias na formação religiosa da Geração Z. Cadernos de Ciências da Religião. Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 35-47, 2020.

BARNA GROUP. Atheism Doubles Among Generation Z. Barna Group, [s.l.], [s.p.], 24 jan. 2018. Disponível em: <https://www.barna.com/research/atheism-doubles-among-generation-z/>. Acesso em: 17 jun. 2025.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Os “sem religião” no Brasil:** Juventude, periferia, indiferentismo religioso e trânsito entre religiões institucionalizadas. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 31, n. 3, p. 55-70, 2017.

CUNHA, A. L. **O uso das redes sociais por jovens cristãos:** desafios e oportunidades. *Revista Estudos Sociais*. Salvador, v. 18, n. 2, p. 100-112, 2020.

CRAWFORD, Robert. **O que é religião?** Petrópolis: Vozes, 2005.

DANNER, Leno Francisco. **Religiões Institucionalizadas e Universalistas e o Mundo Contemporâneo:** Quatro desafios – reflexões a partir da Igreja Católica. *Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo, v. 32, n. 1, p. 85-120, 2018.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FEITOSA, Darlyson. **Hiper-religiosidade contemporânea.** São Leopoldo: Oikos, 2011.

GIBBS, Eddie. **Para onde vai a igreja:** mudanças na maneira de conduzir ministérios. Curitiba: Esperança, 2012.

GOMES, P. S. **A Bíblia e a geração Z:** análise das transformações na leitura e no estudo das escrituras. *Estudos em Filosofia e Religião*. Porto Alegre, v. 17, p. 234-245, 2021.

HEATON, Tim; RIVERA, Paulo Barrera. **A diversidade religiosa Brasileira e suas dimensões sociais segundo o Censo do ano 2000.** *Estudos de Religião*. São Bernardo do Campo, v. 23, n. 37, p. 129-145, 2009.

MANNHEIM, Karl. **O problema das gerações.** In: Forjaz, Maria Célia Paoli (Org.). Sociologia da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1982.

MOURA, T. C. **A geração Z e a Bíblia:** novas formas de entendimento. Revista de Cultura Cristã. Salvador, v. 5, n. 2, p. 78-84, 2021.

MOREIRA, Alberto da Silva. **O deslocamento do religioso na sociedade contemporânea.** Estudos de Religião. São Bernardo do Campo, a. 22, n. 34, p. 70-83, 2008.

NOVAES, Regina. **Os jovens “sem religião”:** Ventos secularizastes, “espírito de época” e novos sincretismos. Estudos Avançado., São Paulo, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004.

PEREIRA, M. C. **O poder das plataformas digitais no estudo bíblico.** Revista Brasileira de Educação e Cultura Cristã, São Paulo, 2021.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **Um olhar sobre o atual cenário religioso brasileiro:** possibilidades e limites para o pluralismo. Estudos de Religião. São Bernardo do Campo, v.27, n. 2, p. 53-71, 2013.

SANTOS, L. P. **O estudo bíblico digital e a geração Y.** Revista Digital de Religião e Cultura. Recife, v. 13, n. 1, p. 55-67, 2019.

WHITE, James Emery. **Meet the Generation Z:** Understanding and reaching the new post christian world. Grand Rapids: Baker Books, 2017. E-book.